

O Corpo: imaginação e pensamento

The Body: imagination and thought

Manuel Sérgio¹

Resumo: O autor deste ensaio procura denunciar os exageros do racionalismo da cultura ocidental, onde o dualismo corpo-alma é o reflexo do dualismo senhor-servo. Ora, o primeiro grande racionalista da era moderna é Descartes (1596-1650) que vê, no ser humano, duas substâncias diferentes: o corpo, substância material e a alma, substância imaterial. A educação física nasce em pleno triunfo do “erro de Descartes” e, atendendo ao dualismo corpo-alma, destinava-se à educação do corpo, enquanto físico, objeto material. Fundamentado na fenomenologia, na complexidade (Edgar Morin) e na ciência atual, o autor deste ensaio transforma a área da educação física, na área da “motricidade humana” (o ser humano, em movimento intencional, tentando superar e superar-se), dando a esta expressão um significado científico, como nova ciência humana (a ciência da motricidade humana), e político, como ciência crítica, que rejeita todos os dualismos, incluindo os sociais e políticos.

Palavras-chave: Racionalismo; Complexidade; Dualismo; Motricidade Humana; Corpo-Objeto; Corpo-Sujeito.

1. Há mais de vinte e cinco séculos, a filosofia ocidental vem convivendo com a distinção, com a profunda diferença entre a razão e a imaginação, entre o corpo e o espírito (caminhando-se, hoje, fascinados pelos mitos da hora que passa, para uma completa naturalização do ser humano!). Os gregos logo ensinaram que o **logos** tem declarada supremacia sobre a **physis**. A ele cabe o ato de pensar, de refletir, de poder superiorizar-se sobre o mundo físico e de manipulá-lo. Pela reflexão, o ser humano procurava, não só respostas para os enigmas da existência, mas ainda o controlo sobre as situações adversas com que a natureza o enfrentava. A definição de homem, como “animal racional”, sublinha bem o valor do **logos** e o pouco valor da **physis** que deveria ser conduzida pela razão, já que na **physis** se integravam também os

Abstract: The author of this essay attempts to denounce the excesses of the western culture rationalism, in which the soul-body dualism is the reflection of the master-servant dualism. The first great rationalist of modern period was Descartes (1596-1650), who sees, in human being, two different substances: the body, material substance, and the soul, an immaterial substance. Physical education was born in full triumph of “Descartes’ Error” and, given the soul-body dualism, was intended only educate of the body, understood as physical substance or material object. Based on the phenomenology, complex theory (Morin), and on the current science, the author of this essay turns to physical education into the “human movement” area (the human being in intentional movement, trying to surpass and outdo thyself), by giving new meanings to such an expression: a scientific one as a new human science (The Human Motricity Science); and political one as a critical science that rejects all dualisms, including social and political.

Keywords: Rationality; Complexity; Dualism; Human Motricity; Body-object; Body-subject;

sentimentos, as emoções, o sonho, a fantasia, o imaginário.

Ao longo da filosofia pré-socrática, avulta Parménides, o qual significa, na história da filosofia, um momento de importância capital: o nascimento da metafísica! Viveu em meados do século VI e até meados do século V, antes de Cristo. Ele diz, pela primeira vez e de forma cortante: **o ser é!**² Mas o ser só se manifesta à razão. O conhecimento sensitivo é meramente opinativo e passageiro; pela razão, insistia ele, se atinge a verdade. As coisas, diria mais tarde Platão, são sombras das ideias. O ser do homem é a ideia de homem. Quando Platão estabelece na **República** que “é preciso formar o corpo pela ginástica e a alma pela música”, já o mito do **Fedro** recordara que a alma tombara nos corpos e dentro deles vivia aprisionada. Desde então e até

¹ Professor catedrático aposentado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

² Parménides. In: BURNE, John. *L’Aurore de la Philosophie Grecque*. Paris: Payot, 1952, p.19.

há bem pouco tempo, o Ocidente sentiu iniludíveis dificuldades, para unir, no mesmo todo, o material e o espiritual, o ser e o devir, a razão e a emoção.

Em Descartes (no entender de Ortega y Gasset³, “é o primeiro homem moderno”), há duas ciências que lhe merecem crédito inteiro: a matemática e a lógica. Eu sou um ser que pensa. Proclamou-se assim o divórcio entre o pensamento e o ser, a ruptura entre a ordem ontológica do ser e a lógica do conhecimento, como através do capitalismo, que se anunciava, se fazia a ruptura senhor-servo. Seria interessante escutarmos o **Discurso do Método** (IV parte): “Concluí que o eu era uma substância cuja essência ou natureza não é senão o pensar e que, para ser, não tem necessidade de nenhum lugar, nem depende de nenhuma coisa material. De maneira que este eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo”.

E, olhando o corpo como objeto, funcionando como uma máquina, a medicina progride e nasce a educação física. Com efeito, a educação física desponta do dualismo antropológico cartesiano e visa a criação do “homem-máquina” (como aliás hoje acontece, veja-se o que se passa com as revistas especializadas, nesta área do conhecimento e em medicina desportiva, que usam e abusam de uma linguagem estritamente biológica). Não deverá, no entanto, esconder-se que, no **Discurso do Método**, subsiste uma vinculação essencial, entre julgar bem e fazer bem. Só que, em toda a prática, há uma “realização da Razão”. Kant⁴ vai ao ponto de adiantar que são as condições objetivas do nosso espírito que se impõem às coisas e explicam a necessidade e universalidade das ciências. O saber já não é uma representação, mas uma construção das coisas, dos objetos (e entre os objetos, sublinhe-se, está o meu corpo). E, mesmo quando Augusto Comte formula claramente a tese segundo a qual a epistemologia das ciências positivas, ou seja, das ciências exatas, deve substituir a especulação filosófica tradicional; quando o século XIX afirma o primado decisivo e exclusivo das ciências, no âmbito do conhecimento – ainda é a mente, por si só, a teorizar e a dirigir a prática.

O nosso Francisco Sanches⁵, um dos precursores de Descartes, já escrevia, em 1574, no **Quod Nihil Scitur**: “Ora eu sou composto de duas

coisas – da alma, em primeiro lugar, e secundariamente do corpo”. Enfim, a ideia de um corpo meramente físico imperava em Harvey (1578-1657), com a descoberta da fisiologia circulatória; Thomas Sydenham (1624-1689), ao apontar o polimorfismo do sarampo, da escarlatina e da tuberculose; a colaboração de Ribeiro Sanches (1699-1783), na **Enciclopédia**, com o capítulo “Afecções da Alma” e os seus estudos sobre a origem da sífilis; John Hunter (1782-1794), lustre do Real Colégio dos Cirurgiões; Edward Jenner (1749-1823), ao criar a vacina da varíola; Laenec (1781-1826), o introdutor do estetoscópio, na clínica; o progresso de valor indiscutível, ao lado da antisepsia e da assepsia, mormente para a cirurgia, é a descoberta da anestesia, aplicada, com sucesso, pela vez primeira, pelo dentista norte-americano J. Warren, em 1846; Claude Bernard (1813-1878), o primeiro professor na Sorbonne de uma cadeira de Fisiologia, com a sua **Introdução ao Estudo da Medicina Experimental**; e outros mais – qual massa levedada pelo fermento racionalista, desenvolvem a ciência médica, trabalhando o corpo-objeto, desconhecendo o corpo-sujeito.

Se o corpo é natureza, está aí para ser controlado e manipulado pela razão, como Horkheimer e Adorno o denunciam, na **Dialéctica do Esclarecimento**. Voltaire (1694-1778), um dos mais reputados enciclopedistas, um dos mais respeitados iluministas (a sua fama valeu-lhe a amizade de Frederico, o Grande, da Prússia e de Catarina da Rússia) escreveu abundantemente sobre Newton, em particular no seu livro **Éléments de la philosophie de Newton**. Ele tem por Newton uma admiração incontida: “Este gigante da ciência teve a particular felicidade não só de nascer num país livre, mas também numa idade em que todas as impertinências escolásticas tinham sido banidas do mundo. Apenas se cultivava a Razão e a humanidade tornou-se naturalmente sua discípula”. O próprio corpo, porque não era Razão, poderia ser controlado, como se de máquina se tratasse. O poder queria-o forte, mas dócil, submisso, obediente às suas ordens e interesses. Michel Foucault tratou, magistralmente, este assunto.

Até que da extensa galeria dos cientistas, dos escritores, dos filósofos emergem vozes, zurzindo

³ Ortega y Gasset, José. *¿Qué és filosofía?* Obras Completas. Tomo VII. Madrid: Alianza Editorial, 1959, p.32.

⁴ KANT, Imanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Brasil Editora, 1958, p.52.

⁵ SANCHES, Francisco. In: SCIACCA, Michele Federico. *História da Filosofia – II*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1962, p. 33.

impiedosamente o racionalismo, pois que, sob o império da razão, perpetravam-se guerras, dizimavam-se comunidades inteiras, as ciências transformavam-se em instrumentos de violência e ódio. Nietzsche assume, em plenitude, o papel de achincalhar, ridicularizar, escarnecer o racionalismo e a **verdade** que lhe subjaz, dado que o ser é vontade, não é ideia. E uma pergunta se ergue: será que a tecnociência, as práticas laboratoriais podem explicar, na sua globalidade, toda a complexidade humana? E outra questão ressalta, diante da apreciável dose de conflitualidade que submerge as relações humanas: será que, no ser humano, a razão predomina sempre? Não se desconhece que os biólogos moleculares veem-se, de fato, confrontados com um temível problema – descobrir as relações entre essas pequenas coisas elementares que são as moléculas e funções tão integradas, como a percepção do belo ou a criatividade científica. Depois de Copérnico, Darwin e Freud, resta a conquista do espírito. Este é um dos mais importantes desafios, para a ciência do século XXI.

E outra interrogação se introduz naturalmente: é possível conhecer o espírito, dando o corpo ao olvido? Se todo o real é complexo (poderíamos invocar, a este propósito, Edgar Morin⁶); se o homem (e a mulher) é um ser complexo, onde se descortinam o corpo, a mente, o desejo, a natureza, a sociedade – poderá dizer-se que o corpo é espírito, ou que o espírito dele nasce? Não é pensando que somos, mas é sendo que pensamos. O espírito nasce, no meu modesto entender, da complexidade humana. “É de fato chocante descobrir que somos muito diferentes daquilo que a nossa tradição filosófica nos tem dito. Para mim, no ser que somos, todos os seus elementos se encontram integrais, mas superados. Em **O Erro de Descartes**, um livro de conhecimento generalizado, António Damásio sustenta que “a mente surge da atividade nos circuitos cerebrais, sem sombra de dúvida”⁷ e acrescenta que se verifica uma relação iniludível entre a expansão e a subespecialização do córtex e a imprevisibilidade e a complexidade do meio ambiente (p.233).

2. Não acredito em começos absolutos, como se na história do conhecimento científico se pudessem suprimir as jornadas que a aventura humana já percorreu. Mas parece-me evidente a descontinuidade na história das ciências, como a que se descobre, na aproximação paulatina entre as humanidades e a cultura científica. “Nesta perspectiva, os critérios de **demarcação** tornam-se menos nítidos, não só pela rejeição do Iluminismo, como também pelo (...) questionamento da lógica aristotélica, já que a incerteza não seria exclusiva das humanidades e das ciências ditas **moles**, mas se estenderia às ciências **duras** (...). Como se isso não bastasse, a Ciência, que se distinguiu e alcançou muitos dos seus progressos, a partir de Descartes, precisamente ao simplificar para analisar e compreender, constatou que muitos dos sistemas analisados eram complexos e não se poderiam resumir à mera adição das suas partes, sendo também hipersensíveis às condições iniciais⁸ ou então, como se começa a admitir mais recentemente, possivelmente não seriam modeláveis por equações matemáticas, mas sim por programas simples de computador⁹. Daí resultou o advento da **complexidade** e da **sistémica** (...), bem suportados pelo recurso, generalizado já nos finais do século XX, à modelagem em computador, cada vez mais potente e acessível”.¹⁰

De fato, se o computador é fator primacial de informação e cultura, no mundo em que vivemos, há um **novo tipo de ciência (NKS)**¹¹, muito aliviada de uma ciência inquestionável, empirista, linear e dogmática, como o referia a filosofia positivista. Afinal, uma ciência sem movimento e, por isso, onde o desejo, o sentimento, o afeto eram considerados trágicos equívocos. Como desconhecer, hoje, que a representação da realidade se deixa modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito e que, portanto, se descobre uma íntima relação entre o corpo e a formação e organização das imagens? Assim, não há cultura sem corpo, como há muito se sabia não haver corpo sem cultura.

⁶ MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1992, p. 53.

⁷ DAMASIO, António. *O Erro de Descartes*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995, p. 73.

⁸ GIDDENS, Anthony. *Central Problems in Social Theory*. Berkeley: University of California Press, 1979, p. 182.

⁹ MOLES, Abraham. *As ciências do impreciso*. Porto: Edições Afrontamento, 1995, p.201.

¹⁰ PEREIRA, Duarte C. *Nova Educação na Nova Ciência para a nova Sociedade*. Porto: Universidade do Porto, 2007, p. 72-73.

¹¹ Nota do Editor. Sigla de origem inglesa: New Kind of Science.

Penaliza-me o verificar o desconhecimento quase generalizado do paradigma científico onde assenta a profissão dos “professores de educação física”. Como o médico, o advogado, o sociólogo, o psicólogo, etc., etc., qual a ciência onde vão encontrar os fundamentos da sua prática?... Impressiona-me serem estas questões a que não se responde, na universidade. É que, se a resposta se procurasse, com rigor, bem fácil seria responder aos incrédulos que nos situamos na área das ciências sociais e humanas, que estudamos o ser humano em movimento intencional (ou o corpo em ato), que a nossa metodologia é a que aponta a **teoria da complexidade** de Edgar Morin¹².

Quando criei (à minha maneira, já que outros a teorizam doutra forma) a Ciência da Motricidade Humana (CMH), a par ou em conjunto com as outras características de uma ciência, logo me esforcei por fazer dela (quase ao jeito de Habermas) uma “ciência crítica” e portanto anticolonialista, antirracista, anticapitalista, ou seja, rejeitando qualquer tipo de dualismo social e político, como o vigente, na esmagadora maioria dos países do mundo e até (infelizmente) nalgumas ditaduras ditas... socialistas!

Como é possível estudar o ser humano em movimento intencional, ou o corpo em ato, e não invocar de imediato a sua realidade múltipla e total? O meu receio é o de que, de desfiguração em desfiguração, de descaso em descaso, de inércia em inércia, o professor de educação física saiba mais de anátomo-fisiologia do que de política, comprometendo assim o seu papel de educador. O educando não é mera abstração sem conteúdo é, acima de tudo, uma pessoa moral e política. Sou dos que acreditam que uma aula de educação física tem espaços educativos como nenhuma outra. Mas será possível educar a motricidade humana, sem politizar? Eu escrevi “politizar” e não “partidarizar”. E, para mim, na Escola, partidarizar não se confunde com politizar: aqui, o partido limita e a política liberta. Sempre que a Escola se paridariza, instala-se nela o reino das certezas e uma esclerosante ortodoxia. E, por isso, a opressão e o terror.

Leonardo Boff pode ler-se, neste passo: “Agora, mais do que nunca, precisamos ter sabedoria.

Sabedoria para captar as transformações imprescindíveis. Sabedoria para definir a direção certa. Sabedoria para projetar o sonho que nos guiará. Sabedoria, enfim, para priorizar as ações concertadas que vão traduzir este sonho em realidade”¹³. Ora, a sabedoria, no impropriamente denominado “professor de educação física”, manifesta-se, sobre o mais em propor aos seus alunos que se sintam seres em permanente relação. E vivendo daqueles valores, sem os quais impossível se torna viver humanamente...

Após uma pesquisa intensa, descobri que a expressão **educação física** surgiu, na História, depois do “erro de Descartes”, ou seja, depois do dualismo antropológico cartesiano. Dizem alguns que a referida expressão despontou, como ideia nova, no livro de John Locke, **Pensamentos sobre a Educação** (1693); outros sustentam que ela emerge, pela primeira vez, do livro de um médico suíço, um tal Ballesxert¹⁴, intitulado **Dissertation sur l'éducation physique des enfants** (1762). Seja como for, é depois de Descartes (1596-1650) que, na pessoa humana, natureza e cultura não se confundem. Por isso, neste autor¹⁵, o corpo funciona como simples máquina que o espírito manipula e comanda. José Gil¹⁶, filósofo português, no seu livro **Movimento Total – o corpo e a dança**, fala a propósito do teatro-dança de Pina Bausch, de uma “géstica do pensamento”. Ou seja, o corpo em ato diz o que o pensamento não saberia exprimir. Assim, o pensamento está na motricidade humana, como proposta para uma liberdade. Na dança e no desporto (dois exemplos) assim acontece: há um pensamento inicial que a liberdade dos bailarinos e dos desportistas exprime corporalmente do modo que a sua criatividade lhes permite. Falamos em criatividade? Então, há que reconhecer também a imaginação, na motricidade humana.

Gaston Bachelard, na introdução de **O Ar e os Sonhos** (Martins Fontes, 1990, p. 11) escreve: “Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de nos libertarmos das imagens primeiras, de mudar as

¹² MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p. 70.

¹³ BOFF, Leonardo. *O Despertar da Águia*. 21ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 32.

¹⁴ BALLESXERT, Jacques. *Dissertation sur l'éducation physique des enfants*, 1762.

¹⁵ Idem, *Ibidem*.

¹⁶ GIL, José. *Movimento Total. O corpo e a dança*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001, p. 220.

imagens (...). Se não há mudança de imagens, união inesperada de imagens, não há imaginação, não há ação imaginante". Na motricidade humana, há assim imaginação e pensamento. E sem hierarquias, como é próprio da complexidade, onde, consoante as circunstâncias, tudo pode ser necessário, imprescindível e, como tal, o centro. Tem razão Michel Serres, ao distinguir a antiga da nova ciência: "A antiga ciência como conjunto de tabelas e a nova como tratamento dos possíveis".¹⁷

Na nova ciência, também são visíveis tabelas, mas sempre disponíveis para relações inesperadas. Do que se escreveu se infere que só a nova ciência pode entender a CMH, porque ela não se refere apenas à razão em movimento intencional, mas também à complexidade humana. Foucault refere, com perspicácia, na **Microfísica do Poder**, que "o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo".¹⁸ Por isso, "foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica".¹⁹ Que o ouçam com atenção os "professores de educação física".

3. Maurice Merleau-Ponty ensina, na sua **Fenomenologia da Percepção**, que corpo e mundo formam um sistema, podendo o corpo agir sobre o mundo, sem a mediação do conceito²⁰. No entanto, a racionalidade habita-o, pois que, em toda a motricidade humana (ou o **corpo em ato**), a intencionalidade a conduz. O esquema corporal não é só "uma tomada de consciência global da minha postura, no mundo inter-sensorial", porque é, sobre o mais, "uma forma de exprimir que o meu corpo é para o mundo".²¹ E a intencionalidade é, ou não, espírito?

Alguns médicos, segundo o Michel Foucault da **Naissance de la Clinique**, são ainda tentados ao exercício da anatomo-clínica, onde o corpo do doente é um objeto.²² E daí o biopoder. O racionalismo ainda pode estar presente, em alguns

aspectos do ato médico. Ainda pode prevalecer o dualismo doença-doente, como se o corpo não saudável fosse um corpo morto, um objeto neutral. E, embora o microscópio, os raios X, a ecografia, a TAC, as análises clínicas, etc., o corpo continua o bonzo prisioneiro na cerca apertada daquilo que é empiricamente observável, segundo os moldes da ciência positiva. Na medicina desportiva, a densitometria; a avaliação da composição corporal, pela análise química da quantidade de água e potássio, no organismo; a técnica das pregas ou dobras cutâneas, visando o "peso corporal desejável" – em tudo isto (e em muito mais que não foi dito) a linguagem matemática quer fornecer as "ligações invariáveis", entre a gordura e o corpo do campeão. Era bem possível que o Maradona, para muitos observadores o maior futebolista de todos os tempos, reprovasse, nestes exames físicos. A motricidade humana não se reduz ao funcionamento orgânico, nem se fixa totalmente em meia-dúzia de números.

Se nos fundamentarmos nas ciências cognitivas, também será fácil concluir que a mente é por natureza encarnada. O pensamento é, na sua maior parte, inconsciente. Os conceitos abstratos são largamente metafóricos. De fato, mais de dois mil anos de especulação filosófica apriorística acerca da razão pertencem já ao passado. Devido à nova ciência, a filosofia nunca mais será a mesma. Com o espantoso desenvolvimento das neurociências, designadamente no que ao funcionamento do sistema nervoso diz respeito, os conceitos de alma, de pensamento, de liberdade, etc. passaram a ser objeto de estudo das ciências cognitivas. E assim estas vetustas noções encaminham-se para um novo esclarecimento. Só que a intencionalidade introduz, no entender de Paul Ricoeur²³, "a noção de desígnio transcendente".

Não tomo a palavra **transcendente**, no sentido religioso do termo, digo simplesmente que estou fora de mim, quando vejo, isto é, que ver é ser colocado diante de qualquer coisa que não sou eu; é, portanto, participar num mundo exterior"²⁴.

¹⁷ SERRES, Michel. *As Origens da Geometria*. Lisboa: Terramar, 1997, p. 109.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Lisboa: Edições Graal, 1996, p. 80.

¹⁹ IDEM, *Ibidem*.

²⁰ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Paris: Gallimard, 1945.

²¹ IDEM, *Ibidem*.

²² FOUCAULT, Michel. *Naissance de la Clinique*. Paris: PUF, 1967.

²³ RICOEUR, Paul. *La Métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975, p. 42.

²⁴ CHANGEUX, Jean-Pierre; RICOEUR, Paul. *O que nos faz pensar?* Lisboa: Edições 70, 2001, p. 121.

António Damásio diz o mesmo doutra forma: “De súbito, as coisas ficaram mais claras, a consciência passou a consistir numa construção de conhecimento, acerca de dois fatos – o fato de que o organismo está envolvido numa relação com um objeto e o fato de que o objeto nessa relação está a causar uma modificação no organismo”.²⁵ E continua o mesmo autor: “A neurociência tem feito um esforço considerável para compreender a base neural da representação do objeto. Estudos sobre percepção, aprendizagem e memória, e linguagem deixam-nos antever como o cérebro processa um objeto, em termos sensoriais e motores, e dão-nos uma ideia sobre como o conhecimento de um objeto pode ser memorizado, categorizado, em termos conceptuais e linguísticos e recuperado, através do recordar e do reconhecer”.²⁶

Muitos dos cientistas atuais deixarão muita gente de olhar pálido, ao afirmarem que um neurobiólogo moderno não precisa do conceito religioso de alma, para explicar o comportamento dos humanos e de outros animais, fazendo lembrar a pergunta que Napoleão levantou, após Pierre-Simon Laplace ter-lhe explicado como funcionava o sistema solar: “Onde é que Deus entra nisto tudo?”. E foi esta a resposta de Laplace: “Senhor, eu não preciso de tal hipótese”. Acerca da alma, o que, hoje, se tenta descobrir é se este termo é metafórico, ou literal.

Enfim, é bem possível que a alma humana, entendida como substância imaterial e imortal, não seja mais do que um tremendo logro. Se revertermos às amadurecidas cogitações de muitos cientistas, não há que hesitar: a nossa dimensão animal é a nossa única dimensão. Somos todos animais e o cérebro é a nossa alma! Em Descartes, o corpo é puramente animal e a alma é puramente espiritual. Será que somos apenas corpo e é dele que nascem os atributos que definem o ser humano? É o corpo a grande maravilha que se mostra no mundo?

Pelas performances desportivas; pela dependência patológica do exercício, ou de substâncias químicas, para aumentar a massa muscular, emagrecer e apresentar um corpo segundo

as normas que definem a beleza; porque é o corpo (por motivos declaradamente culturais) a determinar a autoestima – até parece que, com a morte de Deus e o esfumar da alma, o peito abaulado, a musculatura volumosa e rija, a construção hercúlea, para os homens, e a figura de haste leve e grácil, a esbelteza de formas áticas e linhas bem traçadas, para as mulheres, é tudo o que se exige às pessoas que merecem “contemplação” (a palavra vem de **templum**), isto é, um olhar religioso.

4. Mas o “corpo pós-moderno” é também o “corpo **cyborg**” que é a fusão máquina-organismo. “Mais do que um determinismo tecnológico, que substituiria aqui um determinismo biológico, ou de substituição do organismo (ou parte do organismo) pela máquina, trata-se aqui de um **design** tecnológico do organismo, que põe em causa a existência de uma separação ontológica entre máquina e organismo, entre técnica e orgânico²⁷. A molécula do ADN²⁸ deixa de ser a referência total neste hibridismo que é o “corpo **cyborg**”.

Se toda a prótese pressupõe uma amputação, é cada vez mais patente o conflito entre a perspectiva teológica do ser humano e a invasão do corpo humano, pela tecnologia hodierna. Le Breton, diante da **teoria dos fractais** que nos remete para uma clara morfologia da articulação, do contacto, da fronteira, diz-nos que muitas vezes o ser humano “é concebido **in abstracto**, como o fantasma reinando sobre um arquipélago de órgãos, isolados metodologicamente uns dos outros”.²⁹

Mas, embora o corpo haja amealhado gorda maquia de conhecimentos, no trabalho interdisciplinar que as várias ciências vêm realizando, os corpos pós-modernos não perderam virtualidades utópicas. Neles ressoa a conhecida afirmação de Ernst Bloch: “a função utópica é a única função transcendente que permaneceu e é a única que vale a pena conservar – transcender, sem transcendência”.³⁰

De fato, “os corpos pós-modernos são rigorosamente inventados, como objetos de visão. A fotografia comercial brilhante é a sua derradeira

²⁵ DAMÁSIO, António. *O Sentimento de si – o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América, Mem Martins, 2000, p. 161-2.

²⁶ Idem, *ibidem*, p. 152.

²⁷ CRUZ, Maria Teresa. *O Corpo na Era Digital*. Lisboa: Departamento de Educação Médica da Faculdade de Medicina de Lisboa, 2000, p.137.

²⁸ ADN – Ácido Desoxirribonucleico.

²⁹ LE BRETON, David. *Anthropologie du Corps et Modernité*. Paris: PUF, 1992, p. 187.

³⁰ BLOCH, Ernst. *L'esprit de l'utopie*. Paris: Gallimard 1977.

expressão. Eu e corpo tornaram-se idênticos, de forma que o paraíso na terra requer agora simplesmente o aspecto brilhante e musculado, venerado em Hollywood, como símbolo da perfeição”³¹.

Por vezes, sou tentado a descobrir, no “**corpo-cyborg**” uma resultante do estatuto biocultural da doença, um prolongamento do homem-máquina. Hoje, o oposto de beleza e erotismo é sinal certo de doença. Ultrapassando os farrapos de frases insignificantes dos que apostam unicamente na beleza física, Júlio Iglésias, cantor famoso, insiste: “Nós, artistas, queremos ser mais jovens do que somos. E, desse modo, iludimo-nos” (**Visão**, Lisboa, 12 a 17 de Junho de 2003). E, para simular juventude, cresce “uma gama de conhecimentos relativos ao corpo, nas áreas de estética, saúde e educação e de técnicas e objetos que lhes correspondem. Estrutura-se, dessa forma, um mercado de aparências, representado por um sem número de profissionais especializados e instrumentos de atuação, que se encontra em franco desenvolvimento”.³²

Com efeito, “a ideia de corpo sarado, corpo tratado remete ao sentido de cuidar de si, comer melhor, fazer exercícios, consumir energéticos, frequentar academias, enfim, remete à ideia de como integrar-se a novas tribos (...) cuja incorporação passa por indumentárias, hábitos e atitudes, semelhantes entre seus membros. Mais uma vez, o mercado se apresenta como mediador; oferece para todos os gostos e poder aquisitivo tudo aquilo de que se precisa, para se ser identificado como alguém liberado, para se cuidar: shorts, tênis, cremes protetores, bonés, etc”.³³

E o corpo utópico reduz-se, muitas vezes, ao corpo que os média anunciam. Tenho diante de mim uma revista portuguesa, **Máxima** (Junho de 2003, p. 132), absolutamente firme no seu pensamento sobre o modo como poderemos valorizar o nosso corpo (designadamente aquelas ou aqueles que pretendem passar de um corpo natural a um corpo artificial, de acordo com as exigências da moda). Eis a síntese: é preciso mudar de pele, fazendo uma

esfoliação meticulosa de todo o corpo; aplicar “produtos de cuidado”, quer hidratantes gerais, quer produtos mais específicos, respeitando o sentido da circulação sanguínea; seguir rigorosamente as informações que acompanham os produtos.

Depois difunde e defende determinadas marcas de produtos adelgaçantes e que estimulam o metabolismo energético das células, o que pode levar a supor (não quero pôr em causa a ética de ninguém) que há publicidade comercial paga, por entre objetivos aparentemente defensáveis. O próprio lazer desportivo, com objetivos higiénicos ou estéticos, tem muitas vezes a promovê-lo as grandes centrais de venda do material desportivo.

A complexidade humana, com raiz no corpo, é anunciada pelos “mestres da suspeita” (Marx, Nietzsche e Freud). No livro **Assim falava Zaratustra**, Nietzsche resume assim o seu pensamento: “Sou inteiramente corpo e nada mais”.³⁴ Não cabe neste pequeno estudo crítico relatar o progresso científico, que permitiu o conceito de corpo em Merleau-Ponty. Foi a partir deste filósofo que eu me lancei a um corte epistemológico, no seio mesmo da Educação Física, com a passagem do **físico**, ao jeito cartesiano, à **motricidade humana**. Mas, porque a motricidade humana é o ser humano em movimento intencional, visando à transcendência (ou a superação), “importa procurar uma ontologia nova, na qual a categoria de relação assuma uma importância fundamental e se possa pensar independentemente do conceito de substância”.³⁵ Os problemas do corpo só se resolvem, no âmbito da complexidade humana. O poeta português Herberto Helder pode invocar-se, neste momento:

“Vou contar uma história.

Havia uma rapariga que era maior de um lado que do outro. Cortaram-lhe um bocado do lado maior: foi de mais.

Ficou maior do lado que era dantes mais pequeno. Cortaram.

Ficou de novo maior do lado que era primitivamente maior. Tornaram a cortar.

³¹ LE BRETON, David. *Anthropologie du Corps et Modernité*. Paris: PUF, 1992, p. 187.

³² SILVA, Ana Márcia. *Corpo, ciência e mercado*. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 57.

³³ TEVES, Nilda. *Olhares sobre o Corpo. Imaginário Social*. In: VOTRE, Sebastião (Org.). *Imaginário e Representações Sociais em Educação Física, Esportes e Lazer*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001, p. 38.

³⁴ NIETZSCHE, Frederic. *Assim falava Zaratustra*. Lisboa: Guimarães Editores, 1943, p.73.

³⁵ MORIN, Edgar. *Pour Sortir du XXème siècle*. Paris: Seuil, 1981, p. 318.

Foram cortando e cortando.

O objetivo era este: criar um ser normal. Não conseguiram.

A rapariga acabou por desaparecer, de tão cortada nos dois lados. Só algumas pessoas compreenderam”.³⁶

Como corpo-objeto, o corpo humano perde a sua dignidade, a transcendência não lhe é possível. Eu não existo porque tenho um corpo; eu existo porque sou um corpo (o corpo-sujeito) que, pelo movimento intencional, me permite a transcendência. Mas quem se movimenta leva sempre consigo mais do que a si mesmo. E quem não descortina, neste excedente cinético, também uma dimensão política? Hannah Arendt³⁷ escreveu: “Ao contrário da fabricação, a ação não é possível no isolamento”. O que é a política senão movimento intencional? Por isso, a política pode ser progressista ou retrógrada! Não foi por acaso que Roland Barthes³⁸, no seu livro *“Roland Barthes por Roland Barthes”*, afirmou que tinha muitos corpos...

Artigo recebido em 10.07.2010

Artigo aprovado em 10.10.2010

³⁶ HELDER, Herberto. *Photomaton & Vox*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, p. 89.

³⁷ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001, p. 240.

³⁸ BARTHES, Roland. *Roland Barthes par Roland Barthes*. Lisboa: Edições 70/Monte Avila Editores, 1978, p. 73.